

W. G. SEBALD

# Guerra aérea e literatura

*Com um ensaio sobre  
Alfred Andersch*

*Tradução*  
Carlos Abbenseth  
e Frederico Figueiredo



Copyright © The Estate of W. G. Sebald, 2003

Todos os direitos reservados

A tradução desta obra recebeu o apoio do Goethe-Institut,  
financiado pelo Ministério das Relações Exteriores da Alemanha.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Titulo original*

Luftkrieg und Literatur — Mit einem Essay zu Alfred Andersch

*Capa*

Kiko Farkas e Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

*Preparação*

Julia Bussius

*Revisão*

Ana Maria Barbosa

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Sebald, W. G.

Guerra aérea e literatura : com ensaio sobre Alfred Andersch /  
W. G. Sebald ; tradução Carlos Abbenseth e Frederico Figueiredo.  
— São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Titulo original: Luftkrieg und Literatur — Mit einem Essay  
zu Alfred Andersch

ISBN 978-85-359-1884-7

1. Bombardeio aéreo — Alemanha 2. Guerra Mundial, 1939-  
1945 — Destruição e pilhagem — Alemanha 3. Guerra Mundial,  
1939-1945 — Literatura e guerra 4. Literatura alemã — Século 20 —  
História e crítica I. Título.

11-05348

CDD-833.91409358

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Guerra Mundial : Literatura e guerra :  
Literatura alemã 833.91409358

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

# Sumário

Nota preliminar, 7

GUERRA AÉREA E LITERATURA — CONFERÊNCIAS DE ZURIQUE, 11

O ESCRITOR ALFRED ANDERSCH, 95

Notas, 125

GUERRA AÉREA E LITERATURA

*Conferências de Zurique*

# 1.

*O artifício da eliminação é o reflexo defensivo de todo especialista.*

*Stanisław Lem, Grandeza imaginária*

É difícil fazer hoje uma ideia, mesmo que aproximada, da medida da devastação das cidades alemãs ocorrida durante os últimos anos da Segunda Guerra Mundial, e ainda mais difícil pensar sobre os horrores a ela associados. É certo que consta nos *Strategic bombing surveys* dos Aliados, nos levantamentos do Departamento Federal Alemão de Estatísticas e em outras fontes oficiais, que apenas a Royal Air Force lançou, em 400 mil voos, 1 milhão de toneladas de bombas sobre a zona inimiga; que, das 131 cidades atingidas — umas só uma vez, outras repetidas vezes —, algumas foram quase totalmente arrasadas; que a guerra aérea deixou em torno de 600 mil vítimas civis na Alemanha; que 3,5 milhões de residências foram destruídas; que, no final da guerra, havia 7,5 milhões de desabrigados; que, em Colônia, a cada habitante cor-

respondiam 31,4 metros cúbicos de escombros e, em Dresden, 42,8 — mas, mesmo assim, não sabemos o que tudo isso significava de verdade.<sup>1</sup> A ação de aniquilamento, até então sem par na história, ingressou nos anais da nação que se reconstituía apenas em forma de generalizações vagas e parece mal ter deixado um vestígio de dor na consciência coletiva, permanecendo amplamente excluída da experiência retrospectiva pessoal daqueles por ela afetados, sem desempenhar jamais um papel digno de menção nas discussões acerca da constituição interna de nosso país e nunca se tornando, como constatou mais tarde Alexander Kluge, uma cifra publicamente legível<sup>2</sup> — fato absolutamente paradoxal, quando se pensa na quantidade de pessoas que estiveram expostas a essa campanha dia após dia, mês após mês, ano após ano e no longo período de tempo que ainda se estendeu pelo pós-guerra, em que elas foram confrontadas com as suas reais consequências, que (como seria de pensar) sufocavam qualquer sentimento positivo de vida. Apesar da energia quase inacreditável com que, logo após cada ataque, se procurava restabelecer um mínimo de ordem, mesmo depois de 1950, ainda se viam cruzeiros de madeira

sobre os monturos em cidades como Pforzheim, que, em um único ataque, na noite de 23 de fevereiro de 1945, perdera quase um terço de seus 60 mil habitantes; e, certamente, logo depois da guerra, sopravam pelas cidades alemãs os bafos horrendos que, como escrevia Janet Flanner em março de 1947,<sup>3</sup> eram exalados dos porões escancarados de Varsóvia ao primeiro calor da primavera. Pelo visto, porém, eles não penetraram no sensório dos sobreviventes que perseveraram no local da catástrofe. As pessoas se moviam “pelas ruas entre as ruínas medonhas como se, na verdade, nada houvesse acontecido e [...] esse sempre tivesse sido o aspecto da cidade”, diz uma anotação feita por Alfred Döblin no sudoeste da Alemanha, datada do final de 1945.<sup>4</sup> O reverso dessa apatia foi a declaração de recomeço, o inquestionável heroísmo com que se voltou sem demora aos trabalhos de reorganização e remoção dos escombros. Numa brochura dedicada à cidade de Worms entre os anos de 1945 e 1955, lê-se: “O momento requer homens de caráter, íntegros em sua atitude e em seus objetivos. Quase todos se encontram na linha de frente da reconstrução e nela permanecerão anos a fio”.<sup>5</sup> No texto encomendado pela pre-

feitura a um certo Willi Ruppert, estão inseridas inúmeras fotografias, entre elas ambas as imagens da Kämmererstrasse aqui reproduzidas. Essa destruição total não se apresenta, portanto, como a terrível conclusão de uma aberração coletiva, mas, por assim dizer, como o primeiro estágio de uma reconstrução bem-sucedida. Depois de uma conversa mantida com os diretores da IG-Farben, em Frankfurt, em abril de 1945, Robert Thomas Pell dá testemunho de sua estupefação com a estranha mistura de autocomiseração, autojustificação servil, sentimentos de inocência feridos e teimosia, que notava quando os alemães externavam seu desejo de “reconstruir seu país ainda maior e mais poderoso do que fora no passado”<sup>6</sup> — esse propósito não cedeu em nada com o tempo, como se observa nos cartões-postais que podem ser comprados nas bancas de jornal de Frankfurt por quem viaja hoje pela Alemanha, e enviados, da metrópole no Meno, para todo o mundo. Entrementes já lendária e, de certo ponto de vista, de fato admirável, a reconstrução alemã equivaleu, após as devastações causadas pelos inimigos de guerra, a uma segunda aniquilação, realizada em fases sucessivas, de sua própria história anterior.



Assim, tanto pelo trabalho exigido como pela criação de uma nova realidade despida de fisionomia própria, ela impediu de antemão qualquer recordação do passado, direcionando a população, sem exceção, para o futuro e obrigando-a ao silêncio sobre aquilo que enfrentara. São tão escassos e dispersos os testemunhos alemães desse período passado há menos de uma geração que, em

*Europa in Trümmern* [Europa em ruínas], a coletânea de reportagens publicada por Hans Magnus Enzensberger em 1990, só figuram jornalistas e escritores estrangeiros, com trabalhos de que, na Alemanha, sintomaticamente, mal se tinha conhecimento até então. Os poucos relatos redigidos em língua alemã provêm de antigos exilados ou outros autores periféricos, como Max Frisch. Os que permaneceram no país — e, como Walter von Molo e Frank Thiess na malfadada controvérsia sobre Thomas Mann, se jactavam de ter persistido na pátria na hora da desgraça, enquanto outros estavam aboletados em seus camarotes na América — se abstiveram de qualquer comentário a respeito do processo e do resultado da destruição, o que se deve também e em grande parte ao temor de, no caso de uma descrição próxima da realidade, caírem em desprestígio junto às autoridades de ocupação. Contra a suposição geral, esse déficit em testemunhar as experiências de então não foi compensado pela literatura do pós-guerra, que se reconstituiu conscientemente a partir de 1947 e da qual seria legítimo esperar alguma elucidação sobre a verdadeira situação. Se a velha guarda da chamada emigração interna estava ocupada, antes de mais nada, em construir uma nova reputação e, como nota Enzensberger, em evocar a ideia de liberdade e a herança humanista ocidental por meio de intermináveis e empoladas abstrações,<sup>7</sup> a geração mais jovem, constituída por escritores recém-chegados das frentes de batalha, estava de tal maneira fixada em relatos de sua experiência de guerra que descambava constantemente para o sentimentalismo e o queixume, e, assim, parecia mal ter olhos para os horrores da época, visíveis por todos os lados. Até a tão propalada Literatura dos Escombros, *Trümmerliteratur*, que se impunha programaticamente um senso de realidade incorruptível e que, segundo a profissão de fé de Heinrich Böll, tratava sobretudo de “aquilo que nós [...] encontramos no regresso”,<sup>8</sup> mostra-se, numa análise mais cuidadosa, um instrumento previamente sinto-

nizado com a amnésia individual e coletiva, e guiado, talvez, por processos pré-conscientes de autocensura para o encobrimento de um mundo que se tornara incompreensível. O verdadeiro estado da destruição material e moral em que o país inteiro se encontrava não podia ser descrito em virtude de um acordo tácito e válido igualmente para todos. Os aspectos mais sombrios do ato final da destruição, vivenciado em conjunto pela ampla maioria da população alemã, permaneceram um segredo familiar tão vergonhoso, submetido a uma espécie de tabu, que não se podia confessá-lo, quicá, nem a si próprio. De todas as obras literárias surgidas no fim dos anos 1940, apenas o romance de Heinrich Böll *O anjo silencioso*<sup>9</sup> oferece de fato uma ideia aproximada da dimensão do horror que ameaçava tomar conta de qualquer um que realmente olhasse para as ruínas ao seu redor. Sua leitura deixa logo claro que justo esse texto, que parece contaminado por uma melancolia sem cura, seria intolerável para os leitores da época, como a editora e seguramente até o próprio Böll acreditavam, vindo, por isso, a ser publicado apenas em 1992, com quase cinquenta anos de atraso. De fato, o 17º capítulo, que retrata a agonia da sra. Gompertz, é de um agnosticismo tão radical que, mesmo hoje, mal o conseguimos suportar. O sangue escuro que, nessas páginas, forma coágulos pegajosos e jorra entre espasmos pela boca da moribunda, se derrama sobre seus seios, manchando o lençol e escorrendo pela borda da cama até pingar no chão e ali formar uma poça que cresce com rapidez, esse sangue retinto, muito preto, como Böll expressamente salienta, é a alegoria da *acedia cordis* que se volta contra a vontade de sobreviver, aquela depressão pálida, já sem remédio, em que os alemães deveriam ter caído diante de um final como esse. Além de Heinrich Böll, apenas outros poucos autores, como Hermann Kasack, Hans Erich Nossack, Arno Schmidt e Peter de Mendelssohn, ousaram mexer no tabu imposto sobre a destruição exterior e interior, mas, em grande parte

das vezes, como ainda se demonstrará, de maneira bastante questionável. E, mesmo anos mais tarde, quando os historiadores da guerra e os historiadores regionais começaram a documentar a ruína das cidades alemãs, o fato de que as imagens desse capítulo horroroso de nossa história jamais adentraram a consciência nacional, não se alterou em nada. Essas compilações, que pareciam estranhamente intocadas pelo objeto de sua pesquisa, foram, via de regra, publicadas em lugares e editoras inusitados — *Feuersturm über Hamburg* [Tempestade de fogo sobre Hamburgo], de Hans Brunswick, por exemplo, foi lançado em 1978 pela editora Motorbuch, de Stuttgart —, servindo em primeiro lugar à higienização ou eliminação de um conhecimento incomensurável ao juízo normal, e não ao intento de aprender a entender melhor a espantosa capacidade de autoanestesia de uma coletividade oriunda, aparentemente sem dano psíquico relevante, da guerra de aniquilamento. A ausência quase total de transtornos mais profundos na vida anímica da nação alemã denota que a sociedade da nova República Federal delegou a um mecanismo de recalque as experiências vividas durante o período de sua pré-história. Esse mecanismo de funcionamento perfeito lhe permitiu reconhecer efetivamente que havia surgido da degradação absoluta, mas, ao mesmo tempo, possibilitou que essa origem fosse completamente excluída de sua economia emocional, chegando até a ser encarada como um mérito adicional no catálogo de tudo o que se conseguiu suportar com sucesso e sem o menor sinal de fraqueza interior. Enzensberger alerta que não se compreende “a enigmática energia dos alemães, caso se relute contra a ideia de que eles converteram seu defeito em virtude. A falta de consciência”, escreve ele, “foi a condição de seu sucesso”.<sup>10</sup> Entre os pressupostos do milagre econômico alemão não se encontram apenas as enormes quantias investidas por meio do Plano Marshall, a erupção da Guerra Fria e o sucateamento de instalações industriais ultrapassadas, realiza-

do com brutal eficiência pelos esquadrões de bombardeiros, mas também a ética inquestionável do trabalho aprendida na sociedade totalitária, a capacidade de improvisação logística de uma economia pressionada por todos os lados, a experiência no emprego da chamada mão de obra estrangeira e a perda, que, no fim das contas, apenas uns poucos lamentaram, da pesada carga histórica consumida pelas chamas entre 1942 e 1945, junto com as casas residenciais e comerciais seculares de Nuremberg e Colônia, de Frankfurt, Aachen, Braunschweig e Würzburg. Na gênese do milagre econômico alemão, são esses os fatores de alguma maneira identificáveis. O catalisador, no entanto, foi uma dimensão puramente imaterial: a corrente de energia psíquica até hoje não esaurida, cuja fonte é o segredo guardado por todos sobre os cadáveres amuralhados nos alicerces de nossa entidade estatal, um segredo que uniu os alemães nos anos após a guerra e ainda hoje os une com força maior do que qualquer objetivo positivo, como, por exemplo, a realização da democracia. Talvez não seja incorreto lembrar essas conexões logo agora que o grande projeto europeu, já duas vezes fracassado, entra em uma nova fase, e a esfera de influência do marco alemão quase coincide — a História tem lá seu jeito de se repetir — com a zona ocupada pela Wehrmacht em 1941.

Nas décadas posteriores a 1945, não houve na Alemanha, ao que eu saiba, um debate público questionando a legitimização estratégica ou moral do plano de uma guerra de bombardeio irrestrito preconizado por grupos dentro da Royal Air Force desde 1940, e posto em prática a partir de fevereiro de 1942, à custa de um enorme volume de recursos humanos e bélico-econômicos — e isso, ao que me parece, principalmente porque um povo que assassinara e maltratara até a morte milhões de seres humanos nos